

JOATAN BERBEL

O CINEMA ALTERNATIVO CARIOCA



JOATAN BERBEL

TEXTO DO DIRETOR SOBRE O FILME "EUNICE, CLARICE, THEREZA"

Este documentário é o primeiro filme que eu realizei como autor, em 1978. Não foi o meu primeiro contato com o fazer cinema. Antes disso eu havia passado pelo Curso de Iniciação ao Cinema, da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1974. Havia realizado com um grupo de amigos um curta-metragem, documentário, em super-8; participei de um grupo de realizadores que havia realizado, com apoio do crítico de cinema e professor José Carlos Avellar, um documentário, premiado no Festival de Cinema de Brasília de 1977. Já havia trabalhado como assistente de direção num longa-metragem "Caso Claudia", dirigido por Miguel Borges. Participava dos grupos de jovens realizadores organizados na Associação Brasileira de Documentaristas. Enfim, a realização deste primeiro filme foi um momento de clareza quanto ao que eu queria fazer no mundo do cinema.

Fazer cinema naquela época não era fácil seja do ponto de vista técnico, seja do ponto de vista econômico. Por um lado o processo técnico de captação de imagem, processamento, edição e finalização até a cópia final para exibição exigia uma estrutura técnica, equipamentos, e despesas com laboratórios que dificultavam o acesso à produção. Por outro lado, os canais de fomento à produção cultural eram poucos e quase sempre filtrados pela censura da ditadura militar. Não era qualquer tema ou qualquer um que conseguia aprovar um projeto nos

poucos editais de fomento ou prêmio para incentivo à produção de filmes. No entanto o que compensava estas dificuldades era a grande disposição e vontade de realizar filmes, que mantinham um clima de cooperação e generosidade entre técnicos, realizadores e até das empresas que possuíam equipamentos. Assim, aos poucos fui comprando latas de filmes, material de edição, e fui reservando um pouco de dinheiro para o momento em que surgisse um tema que me provocasse a vontade de realizar um filme. Hoje, distante no tempo, sei que eu já tinha a percepção de que estava prestes a ser capturado por um tema. Naquela época costumava-se dizer que o cineasta não inventava o tema, mas, ao contrário, o tema é que o inventava.

Em outubro de 1978, numa manhã, a caminho do trabalho enquanto lia o Jornal do Brasil, vi uma foto da jornalista Clarice Herzog com a notícia informando de que ela havia conseguido na justiça de São Paulo, uma sentença que condenava o Estado como responsável pela morte de seu marido Vladimir Herzog. Aquilo me chamou a atenção porque era a primeira vez que um Juiz da Justiça Civil aceitava uma ação declaratória contra o Estado, o que equivalia a condenar a ditadura militar pela morte de um preso político. Quando abri o jornal para ver a matéria me deparei com a foto da Eunice Paiva e da Thereza Fiel Filho, também viúvas de presos políticos: Rubem Paiva morto e desaparecido em 1968 e Manuel Fiel Filho preso e morto em 1974. Ao olhar para as três fotos na página do jornal tive um arrepio... O filme nasceu ali, naquele momento.

Não parei mais um instante e logo tratei de mobilizar os amigos mais próximos para viabilizar a produção do filme. O primeiro contato foi com Noilton Nunes, parceiro, amigo e Presidente da ABD, naquela época. Logo em seguida outro membro da diretoria da ABD, Dileny Campos se encantou com a proposta, depois Silvio Da-Rin, que havia chegado de um curso de técnica de som e havia comprado uma câmera 16mm, e um gravador de som para cinema se incorporou ao grupo. Articulei os contatos, visitei cada uma das personagens do filme — todas apoiaram a idéia. Então, num fim de semana, fomos de carro para São Paulo, ficamos hospedados na casa de um grupo de realizadores da Gira Filmes da Vila Madalena em São Paulo. E, num fim de semana, conseguimos gravar os três depoimentos. Para a montagem e finalização contei com a habilidade e a boa vontade do Noilton Nunes. Em pouco tempo o filme estava pronto para ser exibido. A primeira exibição foi em São Paulo, na casa da Clarice Herzog, com a presença da Eunice Paiva e de um grupo expressivo de intelectuais amigos de Clarice. Foi uma exibição que me deixou muito contente e aliviado — o sinal a aprovação estava estampado no rosto de Eunice e Clarice, — infelizmente, a Thereza não pode comparecer. A segunda exibição foi realizada no Rio de Janeiro, numa sessão conjunta com um curtametragem do Noilton Nunes, “Leucemia”, cujo tema também se reportava à questão da repressão política da ditadura militar. Um artigo do Sergio Santeiro consagrava estes filmes por sua ousadia estética e pela coragem política. Ser incluído na lista dos melhores filmes do Festival de Curta-Metragem JBSHell, de 1979, foi uma consagração.

Curta-metragem

Com a projeção dos nove filmes premiados, encerra-se hoje no Cinema-1 o 6º Festival Brasileiro de Curta-Metragem, promovido pelo JORNAL DO BRASIL e SHELL. As sessões são às 18h e às 22h. Os primeiros colocados e as menções honrosas serão escolhidos entre Cildo Meireles, de Wilson Coutinho, Dá-lhe Rigor, de Paulo Sérgio Almeida, A Nelson Rodrigues, de Haroldo Marinho Barbosa, O Que Eu Estou Vendo, de Carlos Augusto Calil, Eunice, Clarice, Tereza, de Joatan Vilela Berbel, O Que Eu Conto do Sertão É Isso, de José Umbelino, Bahira, o Grande Burlão, de Paulo Veríssimo, Vocês, de Arthur Omar, e Dr Heráclito Fontoura Sobral Pinto: Profissão Advogado, de Tuna Espinheira.

O último Festival de Curtas

JB Shell

Novembro de 1979

Caderno B

Paris, le 21/3
Monsieur [illegible]

M.

We are happy to tell you that the film *CHARLES CHARLES TROUSSE* has been selected for the two-day festival "CINEMA DE 1987", international section.

It has been scheduled for *Thursday 4 noon at 11h*.

We would like you to read the *programme* in French and, in my case, to check it is at the *Centre*. The postage must pay for shipping charges both ways.

Unfortunately, the Festival cannot afford to invite you to the event. After the confirmation, but if, as we hope, you can attend the Festival and our participants in the festival with the audience, please let us know so that we can answer it at the time.

Yours sincerely,





Assim começava a minha carreira de realizador, assim começava a longa e intensa vida deste filme que circulou pelo mundo em festivais, nos sindicatos, nas associações de movimentos pela liberdade de expressão, no movimento de mulheres — foi, com muitos outros filmes, um instrumento de mobilização na luta pela restauração da democracia no Brasil.

**A MULHER BRASILEIRA
E OS DIREITOS HUMANOS**

DEBATE COM
CENTRO DA MULHER BRASILEIRA
JORNAL BRASIL MULHER
MOVIMENTO FEMININO
PELA ANISTIA
COMITÊ BRASILEIRO
PELA ANISTIA
E VÁRIAS PERSONALIDADES

LANÇAMENTO DO
CURTA METRAGEM
"EUNICE CLARICE THEREZA"
DE JOATAN VILELA BERBEL

LUTAR	RESISTIR	PRESERVAR
-------	----------	-----------

DIA 29/06/1980 ÀS 20HS NA **ABI**
RUA ARAUJO PORTO ALEGRE, 71/9º
INGRESSOS A CR\$ 25,00
PROMOÇÃO: RESIDÊNCIA
RUF UNIVERSITÁRIA FEMININA

Apesar das dificuldades de distribuição e exibição naquela época, especialmente para um filme com cópia em 16mm, a divulgação foi muito grande, atingindo públicos diversos em todo o país e no exterior. Hoje o filme faz parte do acervo de instituições públicas na França e nos Estados Unidos e no Brasil integra o acervo da TV Câmara Federal e do Arquivo Nacional. Em 1998 passou a integrar o acervo de vídeos da coleção Brasileiras da Funarte. Com esta inserção na internet o filme passa a fazer parte do acervo da web, com acesso livre para qualquer um que acessar este blog.



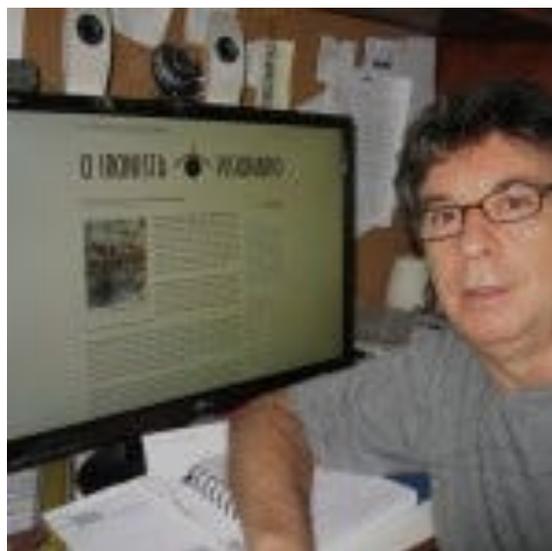
Hoje, 33 anos depois desta aventura, tudo está muito mudado no ambiente da produção e da distribuição de conteúdos. Já não se pode falar mais em cinema com o mesmo significado daquela época. A tecnologia digital mudou radicalmente o ambiente de produção, a rapidez com que se capta e processo a imagem, a instantaneidade e a velocidade no processo de distribuição e exibição abriu muitas oportunidades para a realização. Há, sem dúvida, mais canais de apoio à produção cultural com as Leis de Incentivo Fiscal, com os fundos de fomento. Mas há também mais concorrência, e menos sentimento de cooperação e generosidade no meio de produção. Há também uma perda de qualidade nos técnicos, principalmente os câmeras. Já não se pode deixar por conta do câmara a decisão de composição de um plano no momento de registrar um evento. A tecnologia facilita, mas exige mais monitoramento, por parte do diretor.

Mas o melhor de tudo é que com a Web 2.0, posso escrever e publicar este texto, mostrar o filme, as fotos, os documentos, simultaneamente. O leitor que visita este blog, pode usufruir disso tudo... O que era impossível naquela época.

Hoje, a disputa pelos recursos incentiva a competição negativa, a individualidade e os grupos de interesse. As empresas já não patrocinam mais o valor integral do projeto, assim o projeto caminha aos trancos e barrancos na espera de mais recursos...e, quase sempre acaba mal! Para as empresas patrocinadoras o mais importante é o show de apresentação do “concurso”, a intensa procura dos produtores para inserir seus projetos e o dia quando afinal se dá ampla divulgação à uma grande lista de projetos que não recebem os recursos suficientes para sua execução. Para as empresas o que importa é a divulgação de sua marca... pouco se interessam pelo destino final do projeto. Há que se repensar o modelo de incentivo fiscal, há que se repensar a função destas leis como elemento de promoção dos produtos culturais.

Naquela época, fazer um filme como este, era uma experiência que estava além do simplesmente fazer cinema, ou conquistar um público. Fazer um filme como este era parte de um compromisso com a luta pela retomada do estado democrático no Brasil. Cada um tinha seu jeito próprio de contribuir para esta causa, cada um fazia do seu modo de expressão um gesto, um ato próprio que somado aos outros foi construindo a onde que culminou com a convocação da Assembléia Constituinte de 1988.

Mas quando revejo estes filmes que agora consigo disponibilizar e compartilhar com o mundo da web, me vem a pergunta: o que fazer agora?



Ao rever meus filmes percebo que sempre estive à margem do que todos chamam hoje de “mercado” de cinema. Percebo que sempre apontei a minha câmera para personagens, ou temas que não estavam na moda, ou que não estavam em evidência. Rever estes filmes tem sido um exercício de reflexão: sobre as novas possibilidades de distribuição de conteúdos, sobre as políticas de desenvolvimento da produção cultural, sobre a que pretendo fazer e como fazer com todos estes recursos disponíveis, sobre como tornar o fazer algo que seja fonte de prazer. O mais interessante é poder compartilhar isso com você!